

Larga Ironia e Alegria Breve – Vergílio Ferreira e Agustina Bessa-Luís

Responsável: Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira

Horário: 5ª. Feira, das 10h00 às 11h30

Início: 15 de outubro de 2020

I. VERGÍLIO FERREIRA

1. O grande legado do «tom» de Vergílio Ferreira na «interrogação» em busca da «palavra final».

Gravidade e júbilo da vida na catarse ficcional: poética do «espanto», reminiscência do «mundo original» e mito-estilo – entre o «absurdo» do romance existencialista e a «aceitação» do romance lírico.

2. Facetas da aproximação inicial ao projectoneo-realista e gérmens de orientação divergente num escritor da “era da suspeita” (*A Promessa, A Curva de uma Vida, O Caminho Fica Longe, Onde Tudo Foi Morrendo, Vagão J*, alguns contos de *A Face Sangrenta*).

3. O significado evolutivo de *Promessa, Mudança* e *Manhã Submersa* – tempo e consciência de «crise», vivência de «angústia», reconhecimento da precedência do Eu profundo perante o eu social.

4. O marco existencialista de *Aparição* e a transcendência da Arte em *Cântico Final*. O conseqüente binómio nos anos 60 de ensaio e ficção (*Estrela Polar, Apelo da Noite*, etc.) e os riscos literários do ciclo de romance-ensaio nos anos 70 (*Nítido Nulo, Rápida, a Sombra, Signo Sinal*).

5. Entre duas obras-primas, *Alegria Breve* e *Para Sempre*: da situação-limite ao estoicismo «sitiado» da arquipersonagem vergiliana no ocaso da modernidade ideológica.

6. Agruras e consolos no romance lírico da fase final: *Até ao Fim, Em Nome da Terra, Na Tua Face, Cartas a Sandra*.

II. AGUSTINA BESSA-LUÍS

1. A singularidade genial, eticamente norteada e esteticamente criativa, de Agustina. A seriedade brincada da escrita fulgurante, sob o princípio da incerteza, e a aura de predestinação e sortilégio numa nova novelística de conhecimento, de sageza mitificante, de verbo sentencioso e de gaiatice mozartiana. O caudal lúdico e oracular do discurso de Agustina, com seu contraponto de estilemas de autoridade e estilemas de divertimento.

2. A tensão entre o princípio individuante do desejo e o princípio comunitário da conservação, a resistência do ser-para-si à normalização ético-social e «a iniciação à cultura no sentido luciferino».

3. A linguagem como «sentido da proximidade» e o silêncio como meio de defesa na duplicidade - o caminho d’*A Sibila*.

4. Densidade e imaginação psicológicas, figuração histórica e «idade metálica» novecentista – dos ciclos *As Relações Humanas* e *A Bíblia dos Pobres* até *A Ronda da Noite*.

5. Tempo ritual e espírito do lugar em obras como *A Brusca* e *O Susto*. As emergências do «súbito», a indagação ontológica e o horizonte de Parusia no quotidiano – dos *Contos Impopulares* ao *Sermão de Fogo*.